

# A CONTEMPORANEIDADE DO PENSAMENTO DE CELSO FURTADO PARA A EMANCIPAÇÃO DA AMÉRICA LATINA

Eduardo Girão Santiago

## Introdução

Durante o Fórum de Desenvolvimento realizado pelo Banco do Nordeste do Brasil – BNB, em 2005, o economista Paul Israel Singer afirmou que nenhum intelectual brasileiro teve tanta relevância em termos da conciliação teoria socioeconômica e ação do que Celso Furtado.

O próprio Celso Furtado pronunciou-se acerca da relação teoria-ação da seguinte maneira: “Nós, intelectuais, que lidamos com idéias, não desconhecemos a importância da ação. Não fui outra coisa na vida senão um intelectual, mas sempre consciente de que os problemas maiores da sociedade exigem um compromisso com a ação.” (GAUDÊNCIO e FORMIGA, 1995, p. 39).

A vida desse cientista social foi traduzida, efetivamente, por tomar as suas causas teórico-humanistas com afinco, sem sobressaltos, com lhanza e elegância na convivência com os seus opositores. Pesquisar e conhecer para transformar. Assim é que, já no período 1949-57, quando ocupava o cargo de diretor da Divisão de Desenvolvimento da CEPAL (Comissão Econômica para América Latina), Furtado contribuiu, ativamente, com o economista argentino Raúl Prebisch para a formulação do enfoque estruturalista da realidade socioeconômica da América Latina. Esse pensador latino-americano afirmou em suas memórias que seus estudos e de Raúl Prebisch se referiam “à dinâmica do sistema centro-periferia e dos desequilíbrios estruturais engendrados nas economias periféricas pelo novo

centro principal (Estados Unidos), que combinava elevada produtividade e protecionismo seletivo” (FURTADO, 1997, p. 156). Esses estudos assumiram um forte tom de denúncia de uma situação intolerável a que eram submetidos os países exportadores de produtos primários. Tal estado de coisas, asseverou Furtado, era fruto de um sistema tradicional de divisão social do trabalho “que opera implacavelmente no sentido de criar serviços para os países da periferia” (FURTADO, 1997, p. 156). Estava criada, portanto, uma corrente teórica própria e adequada para compreender, dialeticamente, as relações socioeconômicas do Centro e da Periferia. A partir daí, indicar caminhos para o desenvolvimento dos países periféricos, rompendo esta dinâmica, foi a trajetória de Celso Furtado, como intelectual e homem público que planejou e executou políticas. Enfim, “conhecer para transformar” foi a sua marca registrada.

Em vista desse preâmbulo, anunciamos que o sentido maior desse artigo, além de traçar um perfil da ação transformadora de Celso Furtado, é destacar, também, a profunda influência teórica e prática nas lutas emancipatórias da América Latina e, em particular no Brasil, seja na segunda metade do século XX, seja na primeira década do século XXI, período no qual o presente trabalho se deterá com mais ênfase, porque procurará ressaltar o quanto os dois governos do presidente Lula foram caudatários do pensamento furtadiano recente.

Nesta perspectiva, além de percorrermos os pensamentos fundantes para a superação do subdesenvolvimento dos países do Terceiro Mundo, encontrados na vasta bibliografia que o mestre Furtado constituiu, dialogaremos, sobretudo, com a coletânea dos últimos pronunciamentos feitos por esse socioeconomista a partir de 1997 e que estão sistematizados no nosso artigo, intitulado “Profecias de um Combatente: recortes do pensamento recente de Celso Furtado”, que consta no livro “Celso Furtado e o Desenvolvimento Regional”, publicado pelo Banco do Nordeste do Brasil-BNB, em 2005.

Em suma, pretendemos elaborar um cotejo das predições e sugestões recentes do ideário político e socioeconômico de Celso Furtado com as medidas adotadas pelos governos Lula no campo das transformações sociais pelas quais passou o Brasil nos últimos oito anos.

## **O homem, as influências teóricas e sua obra**

Celso Furtado, o cientista social latinoamericano mais lido em todo o mundo, nasceu em Pombal, no estado da Paraíba, em 26 de julho de 1920. No capítulo intitulado “Aventuras de um economista brasileiro”, do livro *Obra Autobiográfica de Celso Furtado*, o laureado economista

afirma que o Nordeste brasileiro, onde nasceu, foi o núcleo mais antigo do povoamento do País. Após uma fase de prosperidade nos séculos XVI e XVII, a região entrou em declínio.

Para ele, o Nordeste onde nasceu e viveu a infância e adolescência era uma região marcada por conflitos e rivalidades entre grupos políticos e famílias locais, caracterizada por histórias de violência, de arbitrariedades, prepotências e pelo cangaço.

Era um mundo marcado pela incerteza e pela fatalidade, pelas calamidades climáticas, constituindo-se campo fértil para o surgimento de milagreiros e chefes políticos carismáticos, como o Padre Cícero e João Pessoa.

Neste mundo restrito, Celso Furtado, filho de um juiz maçom que se esquivava da política como forma de manter a sua independência, desde cedo, aos 14 anos, teve acesso à biblioteca do seu pai. Toma gosto pela literatura, conhecendo autores como Swift, Defoe e R. Stevenson. Graças aos seus conhecimentos de latim, a literatura o levou a conhecer muitos autores da língua portuguesa. Chegou a revelar que até os 30 anos pensou em ser escritor.

A biblioteca paterna possibilitou ao jovem Celso Furtado a primeira paixão intelectual, vale dizer, a História (FURTADO, 1997). Ela foi o ponto de partida para seus estudos, uma permanência metodológica visível em toda a sua obra. Isto foi tão forte que o próprio economista em foco chegou a afirmar que “o contato com a sociologia norte-americana corrigiu os excessos do meu historicismo” (FURTADO, 1998, p. 9).

Em sua obra autobiográfica, Furtado (1997) indica que as suas principais influências intelectuais foram calcadas em três eixos básicos. Em primeiro lugar, o positivismo, que lhe incutiu a primazia da razão, vale dizer, a ideia de que o conhecimento em sua forma superior se converte em conhecimento científico e, conseqüentemente, conduz ao progresso. A segunda vertente de influência vem de Marx, por conta da História. O economista paraibano adverte que foi por intermédio da leitura de “História do Socialismo e das Lutas Sociais”, de Max Beer, que passou a buscar um sentido para a História, enquanto prática metodológica intelectual. Convém ressaltar a confluência da análise histórica e do positivismo que conduz ao progresso na formação intelectual de Furtado:

Na sociedade estratificada e parada no tempo em que eu vivia, a idéia de que as formas sociais são históricas, portanto, podem ser superadas, permitia ver o mundo com outros olhos. Essa idéia, ligada à do conhecimento como arma do progresso, que vinha do positivismo, compôs no meu espírito uma certa visão do homem em face da história. Essa idéia permitia superar o círculo fechado do fatalismo e do absurdo, e ao mesmo tempo desembocava numa responsabilidade moral (FURTADO, 1997, p. 15).

A terceira linha de influência intelectual no pensamento furtadiano adveio da sociologia norte-americana, especificamente da teoria antropológica da cultura. A leitura de “Casa Grande & Senzala”, de Gilberto Freyre, embora não tenha influenciado substantivamente Furtado na interpretação do Brasil, significou a atualização na sua metodologia de abordagem dos problemas sociais, porque introduziu aspectos culturais e antropológicos como novos instrumentais de trabalho. Ademais, como o próprio autor em estudo compreendia, a sociologia norte-americana viabilizava a utilização de esquemas teóricos desprovidos de preconceitos de raça, clima e cultura, ao contrário daqueles modelos conservadores que consolidavam o fatalismo imobilizador.

A estrutura intelectual e a visão de mundo de Celso Furtado forjadas em sua juventude, com as três linhas de influência há pouco mencionadas, foram enriquecidas por ocasião da continuação dos seus estudos no Rio de Janeiro e Paris. A partir daí, segundo o próprio Furtado, a influência de Marx em sua formação se ampliou por intermédio da leitura dos livros de Karl Mannheim sobre a sociologia do conhecimento. Acrescente-se a este cabedal intelectual o estudo da administração sobre o tema da organização, mais precisamente, a direção da organização. Assim, Furtado percebeu que a racionalidade da direção dependia do planejamento:

A partir desse momento, o planejamento foi para mim uma técnica social de importância muito maior, a qual permitia elevar o nível de racionalidade das decisões que comandam complexos processos sociais, evitando-se que surjam processos cumulativos e não-reversíveis em direções indesejáveis. Fixou-se, assim, no meu espírito a idéia de que o homem pode atuar racionalmente sobre a História. Hoje me pergunto se não existe uma grande arrogância nessa atitude: imaginar que estamos preparados para dar um sentido à História. (FURTADO, 1997, p.18).

Celso Furtado, em suas revelações autobiográficas, afirmou que o estudo sobre o tema do planejamento o conduziu para a leitura da ciência econômica. Em pouco mais de dois anos, ainda na Universidade do Brasil, desvaneceu-se dos “encantos” dessa “ciência menor”, que para ele era destinada “para gente sem imaginação”. Dosando visão crítica com certa ironia, afirmou:

Dos malabarismos verbais com que o professor procurava transmitir a idéia de utilidade marginal (o último pedaço de pão, o último copo de água...) ficou-me uma vaga impressão de jogos de espírito pueris. (FURTADO, 1997, p. 19).

Ao que tudo indica, a matriz inaugural da formação intelectual de Furtado demandou o seu interesse pela sociologia alemã de Weber, Tönnies e Simmel em torno da teoria das organizações. Permanece ainda o seu interesse pela História, dessa feita, relacionada aos estudos de Henri Pirenne, Sombart e Antônio Sérgio sobre as origens do capitalismo, a economia e a história portuguesa, tão presentes no seu livro clássico “Formação Econômica do Brasil”.

O efetivo interesse de Furtado se voltará para a macroeconomia. Assim, assimila Schumpeter e o seu enfoque sobre a importância do progresso tecnológico. Em Keynes, Furtado perceberá a influência estratégica do Estado como ente que toma decisões diretivas para o funcionamento dos sistemas econômicos. Afirma em suas memórias que “todo capitalismo é em certo grau um capitalismo de Estado”. Foi a partir dessa ideia que Furtado pôde perceber o fenômeno da dependência econômica em sua natureza estrutural (FURTADO, 1997, p. 21). E foi em decorrência disso também que ele percebeu que as estruturas podem mudar para além dos mecanismos econômicos que causam tantos “ilusionismos” nos economistas, em geral.

Assim, o que importa mesmo são os centros de decisão. Antes de se apropriar dos conhecimentos de economia, Furtado já percebera que não existe organização ou sistema sem coordenação e controle e, portanto, devem existir centros de decisão para definir objetivos. Desta constatação advém a forte crença que ele deposita no planejamento, porque este traz os objetivos explícitos ou implícitos na governança das nações. Nesta perspectiva, afirma Furtado, o planejamento, orientado para o direcionamento político das economias faz ruir “o mito do *laissez-faire*, o qual nas economias subdesenvolvidas tem servido para sancionar e consolidar a dependência.” (FURTADO, 1997, p. 25).

### **As previsões de Celso Furtado: suas profecias para o Brasil e para a América Latina**

Em memorável artigo no livro “50 Anos de Formação Econômica do Brasil” (ARAÚJO, WERNECK VIANNA E MACAMBIRA, 2009, p. 14-21), César Benjamin, parodiando o general De Gaulle, que cunhou a frase “uma certa ideia de França” como referencial de resistência contra os nazistas invasores, evocou, também a frase “uma certa ideia de Brasil” como estratégia de passagem do “Brasil-empresa-para-os outros” para o “Brasil nação-para-si”. Este intelectual resgatou, assim, toda uma trajetória de vida e ação política de Celso Furtado em relação ao Brasil, mediante a crença eterna e estrutural no Estado Nacional.

Daqui em diante, portanto, este artigo trará à tona uma coletânea de ideias-força emitidas desde 1997 que serão relacionadas com alguns êxitos específicos dos oito anos do Governo Lula. Este conjunto de ideias proferidas pelo mestre Furtado, ao que tudo indica, poderá ter sido um brado permanente e coerente que norteou a mudança do paradigma ortodoxo da economia para um padrão heterodoxo e mais voltado para a construção de um projeto nacional compatível com “uma certa ideia de Brasil”.

Para consubstanciar o projeto nacional de desenvolvimento, o pensador social paraibano assim se referiu sobre o tema da soberania latino-americana e a Área de Livre Comércio das Américas – ALCA:

A ALCA é se entregar aos americanos. Todo mundo sabe disso. O Brasil tem que ter um projeto próprio. O Brasil é grande, tem quase 200 milhões de habitantes, tem um potencial de recursos enorme, e é o único país do mundo que tem abundância de terras férteis e uma população querendo trabalhar na agricultura. O Brasil tem muitos trunfos e isso faz com que seja tão visado. Posso testemunhar que, se há um país que conta e que preocupa todo mundo, grande e pequeno, é o Brasil. (Entrevista à Revista Universidade Pública. Fortaleza – UFC, ano I, n. 3, out/nov., 2000).

Nada é mais característico no pensamento furtadiano do que a sua acendrada noção de soberania. Entendia que a ALCA seria algo extremamente adverso aos interesses do Estado Nacional brasileiro:

A ALCA é a renúncia à soberania nacional. É preciso entender isso. Se há uma coisa a qual você não pode renunciar é a soberania, porque, se você tem um pouco de soberania como tem o Brasil ainda, pode ter uma política econômica que responda às necessidades e aspirações do povo. Mas, se estiver enquadrado pela ALCA, as grandes empresas é que vão traçar a política econômica do Brasil. As grandes empresas que já são poderosíssimas no Brasil, vão ficar ainda mais poderosas. É o seguinte: a gente tem hoje um setor muito importante de empresas internacionais, que pesam positivamente no PIB brasileiro, como a indústria de automóveis, a de equipamentos etc., mas essas empresas não atendem aos requisitos da prioridade nacional, não atuam a partir de uma visão global da economia brasileira, elas são comandadas pela racionalidade típica de qualquer empresa: o lucro. O que é racional para a Ford é que, se necessário, ela fecha a fábrica aqui e passa para outro país. Você tem de partir da seguinte questão: somos ou não um sistema econômico? Se somos um sistema econômico, temos uma lógica própria e essa lógica não combina com nenhuma racionalidade internacionalizada. (Entrevista a João Paulo Stedile, Plínio Sampaio Jr. e José Arbex Jr. à Revista Caros Amigos. São Paulo, ano VI, n. 71, fev., 2003).

A par do pensamento histórico do mestre Furtado há pouco mencionado, convém, agora, cotejá-lo à efetiva política externa do Brasil, a partir do primeiro governo do Presidente Lula. Tudo leva a crer que o pensador paraibano foi ouvido. Na avaliação de José Reinaldo Carvalho (Revista Nordeste Vinte Um, 2010), o êxito da política externa desencadeada por Celso Amorim pautou-se na luta pelo desenvolvimento nacional, pela afirmação da soberania, num mundo eivado pelo espectro e ameaças da globalização financeira e pela política das nações centrais, marcadamente pelo imperialismo dos Estados Unidos e seus aliados.

Ainda na opinião de Carvalho, a política externa posta em prática no início de 2003 foi autônoma, pacifista e democrática “ideologicamente vinculada ao nacional-desenvolvimentismo, às melhores tradições da diplomacia brasileira”. O jornalista em destaque assevera que a política externa brasileira não mais considerou o Brasil um país dependente e subordinado aos Estados Unidos. Ainda que vulnerável, a política do ministro das relações exteriores projetou um país em transição para o status de potência emergente, mediante posição “ativa e altiva”.

As marcas do universalismo e do multilateralismo conduziram o Brasil para o caminho da reformulação das Nações Unidas, a democratização e reestruturação das suas instâncias. Ainda na ótica de Carvalho, “o universalismo e o multilateralismo da política externa brasileira ganharam fôlego com o estabelecimento de parcerias estratégicas com a China, a Rússia, a Índia e a África do Sul e a atenção dedicada ao Oriente Médio”.

Mas foi para a estratégica atenção para a América Latina que a política externa do Governo Lula envidou o seu maior esforço. Carvalho acentua que “foram inúmeras as iniciativas para fortalecer as relações com os países do entorno, como para levar adiante e consolidar o processo de integração em curso, especialmente o MERCOSUL”. No que concerne ainda à política externa do Governo Lula, de nítida influência furtadiana, convém transcrever a opinião de Carvalho em sua íntegra:

Já no início do primeiro mandato, o Brasil desempenhou papel importante para inviabilizar o projeto neocolonialista da ALCA. Lula incrementou as relações bilaterais com os países da região, visitando ou recebendo todos os chefes de Estado sul-americanos, sendo inúmeras as iniciativas postas em prática nesse sentido – MERCOSUL fortalecido e ampliado, Unasul, Conselho de Defesa, Banco do Sul, Comunidade de Estados Latino-americanos e caribenhos, entre outras. Nesse marco cresceu o protagonismo brasileiro na luta contra as ingerências externas, a instalação de bases militares estadunidenses, os golpes, assim como estreitaram-se os laços com países revolucionários e antiimperialistas, nomeadamente Cuba, Venezuela e Bolívia. (Carvalho, *In*: Revista Nordeste Vinte Um, 2010).

Convém anunciar as predições furtadianas a respeito do Consenso de Washington e do imperialismo norte-americano, naquele que foi o último artigo de Celso Furtado:

Um país dotado de imensas reservas naturais e de mão-de-obra aplica uma política que se satisfaz com uma taxa de crescimento próxima de zero. Não é fácil descobrir as causas desse processo, mas devemos reconhecer que ele tem origem ou é reforçado pelo chamado Consenso de Washington, que não passou de um receituário neoliberal a serviço da consolidação da política imperial dos Estados Unidos. (Celso Furtado, *In: Jornal do Brasil*, nov., 2004).

Como decorrência desta observação, o pensador social em estudo revela, em suas predições, que a política imperial dos Estados Unidos sempre teve como estratégia ampliar o endividamento externo do Brasil. Ora, se os ativos internacionais no País, mesmo nas mãos dos brasileiros, são títulos estrangeiros e os investimentos em moeda estrangeira no Brasil crescem rapidamente, significa que o patrimônio das empresas alienígenas, mais os investimentos internacionais, comporão a totalidade da renda nacional.

Assim, segundo Furtado (2005, p. 175), “o país fica uma província, não pode ter governo próprio. É preciso que haja uma reação no Brasil, principalmente do pessoal jovem, que acredita que tenha vida para viver.” Convém lembrar que, no livro “A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina” (1978), Furtado já advertia que “a margem de autodeterminação na busca de meios para enfrentar os problemas do subdesenvolvimento tendeu a reduzir-se, na medida em que os imperativos da ‘segurança’ dos Estados Unidos exigiram crescente alienação de soberania por parte dos governos nacionais”.

A par de todo o conjunto do pensamento emancipacionista de Celso Furtado para os países subdesenvolvidos, entendemos que a política externa brasileira e a autoafirmação do País, de nítida influência furtadiana, foram exitosas nos governos Lula. Já demonstramos isto. Para reforçar esta evidência, convém, entretanto, destacarmos o artigo de Celso Amorim na Revista Carta Capital de 27 de julho do corrente ano, no qual revela as surpreendentes observações do Conselho de Relações Exteriores dos Estados Unidos a partir de estudos de uma força-tarefa reunidos em um relatório exclusivo sobre o Brasil. Diz o documento que “O Brasil é e será uma força integral na evolução de um mundo multipolar” e que “A Força-Tarefa (em maiúscula no original) recomenda que os responsáveis pelas políticas dos Estados Unidos reconheçam a posição do Brasil como ator global”.

O documento em destaque apregoa, também, uma “relação mais ampla e madura” dos Estados Unidos com o Brasil, além de sugerir que “as inevitáveis discordâncias sejam tratadas com respeito e tolerância”. Por fim, convém destacar que o estudo em apreço alerta que os Estados Unidos deverão ajustar-se a um Brasil mais afirmativo e independente. E mais, a força-tarefa “recomenda que a administração Obama endosse plenamente o Brasil como um membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas”.

O intuito deste artigo tem sido estabelecer uma relação direta das análises, recomendações e prognósticos formulados pelo mestre Furtado com as políticas socioeconômicas adotadas pelos governos Lula. Se o Brasil galgou prestígio no conturbado cenário internacional nos últimos oito anos foi, segundo nosso juízo, em decorrência das profundas mudanças imprimidas ao papel do Estado Nacional Brasileiro. E Celso Furtado contribuiu sobremaneira para isso. Senão vejamos, consoante as seguintes predições:

1. “Não existe uma civilização que não tenha se organizado a partir de um Estado. O Estado é, na verdade, a vontade coletiva institucionalizada. Se você não tem isso, alguém toma conta. Essa consciência de existir com autonomia, existir como brasileiro é uma coisa que pode desaparecer. O espaço brasileiro sempre existirá, mas o imaginário brasileiro, a cultura brasileira, o Brasil como nação, isso poderá desaparecer. É isso que está em jogo e que a juventude pode corrigir.” (Entrevista com Celso Furtado. Revista Universidade Pública. Ano I, n.3, out./nov., 2000).

2. “O Estado Nacional é o instrumento privilegiado para levar adiante uma política de reconstrução estrutural. O desafio está em compatibilizar a ação estatal disciplinadora dos fluxos monetários e financeiros com o processo de globalização de crescente autonomia. Temos que reconhecer que o Brasil está empenhado, sob a liderança de V. Exa. (referindo-se ao presidente Lula), em uma luta grande de transformação. Diria eu, para simplificar, que essa luta compreende pelo menos três frentes de ação: **primeiro, o problema da fome e da exclusão social**, já tão bem formulado por seu governo. **Em segundo lugar, os investimentos necessários ao aperfeiçoamento do fator humano, a fim de ampliar a oferta de pessoal qualificado; e em terceiro lugar, a submissão do processo de globalização às prioridades do mercado interno.** (grifos nossos). Significa que o projeto de desenvolvimento do Brasil tem que partir das potencialidades do mercado interno, e não pensar que basta exportar para resolver o problema brasileiro” (Discurso de Celso Furtado na cerimônia de recriação da SUDENE, na sede do Banco do Nordeste do Brasil – BNB, 2003).

3. “O Estado continua a crescer no mundo inteiro. Há poucos dias, eu estava vendo algumas estatísticas. Nos países desenvolvidos em que houve a participação do Estado na economia, registrou-se crescimento nos últimos anos. Portanto, dizer que o Estado está desaparecendo é uma bobagem. Mas é preciso modificar a orientação da ação do Estado. Agora, todo mundo está percebendo e repetindo isso. A economia moderna depende essencialmente de uma ação adequada do Estado. O difícil é descobrir que ação seria a mais oportuna e necessária.” (Entrevista de Celso Furtado a Aspásia Camargo e Maria Andréa Loyola, UERJ, 2002).

4. “O desafio do Brasil é criar um modelo novo, que permita, por exemplo, viver com menos urbanização. Fazer crescer as grandes cidades no Brasil é um absurdo. Não tem emprego, só criminalidade. O grande problema do Brasil é encontrar um modelo próprio. Ou seja, ligar a utilização potencial de seus recursos com a criação de emprego e com a melhoria das condições de vida e do fator humano. O grande atraso do Brasil está em ter investido pouco no homem. É impressionante o baixo nível de formação do trabalhador brasileiro”. (Entrevista com Celso Furtado. Revista Universidade Pública, ano I, n. 3, out./nov., 2000).

O fio condutor interpretativo dos preceitos apresentados por Celso Furtado, no que respeita à capacidade de ação de um Estado Nacional livre das amarras do neoliberalismo, foi delineado nos quatro itens há pouco apresentados. A seguir, apresentaremos um conjunto de ações desencadeadas pelo Governo Lula, de franca inspiração nas predições furtadianas. Na apreciação do jornalista Luiz Carlos Antero, exposta na edição nº 17 da Revista Nordeste Vinte Um, o período dos dois governos de Lula foi caracterizado, fundamentalmente, pelo fato de conter o desmonte do Estado e promover o resgate da soberania. Assim, foi posto em prática um projeto nacional de desenvolvimento que contemplou crescimento econômico, distribuição de renda e justiça social.

Assevera ainda que o Estado, na era Lula, induziu programas sociais e intensificou outros no âmbito da Previdência Social. A luta contra a fome, por intermédio do Programa Bolsa Família, culminou com 27,9 milhões de pessoas que saíram da pobreza absoluta. A desnutrição infantil diminuiu 61% de 2003 a 2008. Segundo esse jornalista, a taxa de desemprego alcançou o seu patamar mais baixo das últimas décadas, vale dizer, 6,1%.

Isto significou uma performance excepcional em termos de geração de novos empregos. Pela primeira vez, num período de décadas, o contingente de mão-de-obra ocupada em atividades formais superou o de ocupações informais. No âmbito da agricultura familiar foram assegurados a oferta de crédito adequado ao setor, a garantia de compra da produção,

luz elétrica e programas socioeconômicos de base microrregional como os Territórios da Cidadania.

Pelos inquestionáveis êxitos obtidos na área social, o presidente Lula conquistou o prêmio “Estadista Global”, promovido pelo Fórum Econômico Mundial em Davos. Mais uma vez ecoava uma das previsões de Celso Furtado, já mencionada neste artigo, no sentido de que uma das prioridades do Brasil deveria ser o combate à fome e à pobreza. Não foi em vão que Lula afirmou, por ocasião do recebimento do prêmio: “A melhor política de desenvolvimento é a luta contra a pobreza”.

Na área da educação, especificamente no ensino superior, o governo Lula conseguiu índices de crescimento nunca vistos na história. Em oito anos de governo surgiram 14 novas universidades e 126 campi no interior do País. Sem falar em 214 novas escolas técnicas. Ademais, graças ao ProUni (Programa Universidade para Todos), cerca de 750 mil jovens, negros, indígenas e moradores de periferias estão tendo acesso ao ensino superior. Esta política, a nosso juízo, toca diretamente nas profecias do mestre Furtado, quais sejam, o redirecionamento do desenvolvimento fora das grandes cidades e a formação de recursos humanos, nos níveis superior e técnico-profissionalizante.

É preciso que se registre este fato. Até mesmo o jornal “O Povo”, costumadamente hostil nas críticas ao governo Lula, reconheceu que, no campo da educação superior e das escolas técnicas, houve uma “diferença brutal entre os governos Lula e FHC”. Reconheceu este jornal que Lula colocou o ensino superior de novo nas mãos do Estado, proporcionando a presença da universidade nos rincões mais remotos. (Jornal “O Povo”, 13/06/2010).

Na visão da economista Tânia Bacelar de Araújo, a marca importante dos oito anos do governo Lula foi a retomada gradual de políticas nacionais que, aos poucos, desmontaram o neoliberalismo no Brasil. Isto ajudou a consolidar a mesma tendência em países da América Latina. Para ela, o êxito desse período de governo foi a adoção de políticas sociais em geral, com destaque para a política de combate à fome e à pobreza. Somem-se a isso, ainda, a política de reajuste do salário mínimo e o alargamento do acesso ao crédito.

Mesmo considerando que as políticas tipicamente regionais não avançaram o esperado nos oito anos de governo Lula, Tânia Bacelar, em artigo intitulado “O governo Lula e o Nordeste”, publicado no jornal “O Povo”, em 26/12/2010, asseverou que as mudanças na política da Petróbras influenciaram bastante na dinâmica econômica do Nordeste. Isto porque a decisão estatal de investir em novas refinarias e na retomada da indústria naval brasileira culminou com o fato da instalação de vários estaleiros na região.

Tânia Bacelar, não só no artigo a que nos referimos, mas em quase todas as palestras proferidas sobre desenvolvimento regional, tem destacado a ampliação dos investimentos em infraestrutura (Programa de Aceleração do Crescimento – PAC), em todo o País e no Nordeste também, como a interligação de Bacias, a construção da ferrovia Transnordestina e o aeroporto da Região Metropolitana de Natal, dentre outras.

Mais uma vez, uma fonte altamente qualificada como a professora Bacelar reconheceu, no artigo há pouco referido, que a política de ampliação das universidades federais e a expansão da rede de ensino profissional foram políticas de larga repercussão no País e no Nordeste, marcadamente nas cidades médias.

## Conclusão

No entender de Araújo (2010, p. 26), com a adoção de uma nova concepção de Estado Nacional, o período Lula adotou políticas estratégicas e desenvolvimentistas. Interrompeu as privatizações e recompôs a capacidade de investimentos das estatais como Petrobras, BNDES, Banco do Brasil, Caixa Econômica, Banco do Nordeste, além de empresas federais como Eletrobras, Correios, Infraero, dentre outras. Segundo este pesquisador, o segmento estatal foi fundamental para a retomada do desenvolvimento brasileiro e para o enfrentamento da crise econômica mundial. Convém registrar a criação de uma nova estatal para gerir o futuro do pré-sal, potencial energético descoberto graças à ação de outra estatal, a Petrobras.

O certo é que, como previra Celso Furtado, o estado passou a ter papel ativo na economia e nos programas desenvolvimentistas, como o PAC, o Bolsa Família e o Minha Casa, Minha Vida.

Ainda segundo Araújo (2010, p. 27), o período Lula interrompeu o desmonte do Estado e voltou a contratar servidores para os campos da educação, segurança pública e demais setores estratégicos. Retomou o caminho da industrialização brasileira.

Nada foi mais simbólico para o resgate do papel desempenhado por Celso Furtado e da gratidão do governo Lula a ele do que o lançamento ao mar de um navio petroleiro que recebeu o seu nome, no dia 24 de junho de 2010, fabricado pelo estaleiro Mauá.

Retomemos o pensamento de Benjamin (2009, p. 25) acerca de “uma certa idéia de Brasil”, que Furtado, em vida, tanto se empenhou e lutou por ela. Fiquemos, pois, com a reflexão conclusiva de Benjamin: “Ou o povo brasileiro, movido por uma idéia de si mesmo, assume pela primeira vez o comando de sua nação, para resgatá-la, reinventá-la e desenvolvê-la, ou assistiremos neste século ao desfazimento do Brasil”.

Celso Furtado, denominado por Francisco de Oliveira como um dos “demiurgos do Brasil” passou toda a sua vida política e intelectual a bradar “por uma certa idéia de Brasil”. A grande mídia nunca lhe deu ouvidos, queixou-se ele a Vladimir Safatle, em entrevista meses antes de sua morte e publicada na edição de 1º de dezembro de 2004 de Carta Capital. Após a reprodução de ideias e predições do mestre Furtado, que se tornaram realidades na era Lula, cabe-nos repetir a certa frase de Benjamin: “Os discursos de quem viu”, dizia o Padre Vieira, “são profecias”.

# BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, J.S. de. et al. *Celso Furtado e o Desenvolvimento Regional*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

AMORIM, Celso. A obsessão e o complexo de vira-lata. *Revista Carta Capital*, ano XVI, nº 656, Ed. 27/06/2011.

ANTERO, Luiz Carlos. O Legado de Lula – A construção de um País sobre os escombros do neoliberalismo. *Revista NordesteVinteUm*. Ano II, nº 17, 2010.

ARAÚJO, Tânia Bacelar de. O governo Lula e o Nordeste. Artigo publicado no *Jornal O Povo*, Ed. 26/12/2010.

ARAÚJO, José Prata de. *O Brasil de Lula e o de FHC – Um roteiro comparativo para a disputa política e eleitoral plebiscitária de 2010*. Contagem- MG: Ed. Impresso, 2010.

ARAÚJO, Tarcisio P. de. et al. *50 Anos de Formação Econômica do Brasil*. Ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.

BENJAMIN, César. *Uma certa idéia de Brasil, In 50 Anos de Formação Econômica do Brasil*. Ensaios sobre a obra clássica de Celso Furtado. Rio de Janeiro: IPEA, 2009.

CARVALHO, José Reinaldo. Política externa de soberania e pela paz. *Revista NordesteVinteUm*. Ano II, nº17, 2010.

CORIOLOANO, Ítalo. Cara-cara, os “Brasis” de Lula e FHC. Artigo *Jornal O Povo*, Ed. 13/06 de 2010.

FURTADO, Celso. *A Hegemonia dos Estados Unidos e o Subdesenvolvimento da América Latina*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FURTADO, Celso. *Obra autobiográfica de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1997.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FURTADO, Celso. *Celso Furtado entrevistado por Aspásia Camargo e Maria Andréa Loyola*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

FURTADO, Celso. Discurso de Cerimônia de Recriação da SEDENE. In ALENCAR, J.S. de. Et al. *Celso Furtado e o Desenvolvimento Regional*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2005.

FURTADO, Celso. Para onde Caminhamos? *Jornal do Brasil*. Artigo publicado na edição de 22 de novembro de 2004.

FURTADO, Celso. Entrevista. *Revista Universidade Pública*. UFC, Ano I, nº 3, out/nov de 2000.

GAUDÊNCIO, F.S.; FORMIGA, M. *Era da Esperança, teoria e política no pensamento de Celso Furtado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

SAFATLE, Vladimir. As Profecias de Furtado. *Carta Capital*, ano XI, nº 319, Ed. 01/12/2004.

STEDILE, João Paulo; SAMPAIO, Plínio; ARBEX, José. Ouçam esta voz. Entrevista para *Revista Caros Amigos*. Ano VI, nº 71, fev. de 2003.